

APRESENTAÇÃO

ENGAJAMENTO E ESPECULAÇÃO EM TEOLOGIA

No presente número, a *Teocomunicação* traz o tema da Teologia em três contribuições diferentes: um artigo sobre Von Balthasar, outro sobre João Batista Libanio e uma reflexão sobre o magistério dos bispos e dos doutores. Está aí uma ocasião para dar-se conta de duas dimensões fundamentais do fazer teológico: o engajamento e a especulação.

Ao contrário do que eventualmente se poderia sugerir, não se trata de uma oposição, mas de uma polaridade recíproca indissociável.

O termo francês *engagement* inspirou a filosofia do engajamento e permitiu formular um modo de se situar na realidade e, posteriormente, na fé. Com o significado de colocar *en gage*, em garantia ou hipoteca, o termo remete à capacidade de responder (*spondeo*, vincular) por aquilo que se diz e faz, criando um laço entre a palavra e o agir. Em português, um termo correspondente poderia ser o de compromisso, a promessa e a missão de estar envolvido na realidade. As ciências, a Filosofia e a própria Teologia foram, conseqüentemente, qualificadas de engajadas ou não, conforme sua relação ao agir. Com justiça, pode perguntar-se pelo estatuto epistemológico de tal vinculação. É possível falar em Teologia engajada?

Por ser uma palavra, um *lógos* a respeito da confiança e da ação *co-respondente*, a Teologia é também um autodizer dessa mesma ação e do fazer, transformando-os em palavra. Ao mesmo tempo o *lógos* de que se fala é o sentido do viver e do crer no tempo e no espaço no qual se pronuncia. É um dizer de sentido e de razão do crer para quem o diz, a partir de sua relação com o fazer da fé que irrompe da experiência, do caminho e da paisagem de crer. Ao explicitar essa fé-caridade, a Teologia, portanto, fala de quem a faz e de quem a recebe, o sujeito que é a própria comunidade ou Igreja. Em outras palavras, o teólogo e a

<i>Teocomunicação</i>	Porto Alegre	v. 38	n. 160	p. 173-175	maio/ago. 2008
-----------------------	--------------	-------	--------	------------	----------------

teóloga elaboram a fé enquanto realidade vivida e a viver, como fidelidade, num determinado contexto de tempo e lugar. Assim entendida, ao menos induz e transforma, se não produz e conduz, uma atitude de viver e de ser na sociedade como um todo.

De outro lado, o dizer é sempre um distanciar-se, tanto maior quanto mais rigoroso for, porque o objeto (sujeito) a ser apropriado é pensado, *explicado* e *refletido*, mas não *replicado*. É ato de responder ao como e ao por que de tal ou qual afirmação ou atitude aceita como normativa de vida, ato no qual a fé-caridade se torna palavra, conceito e relação a outros mundos de sentido. A razão especulativa contempla a fé, enquanto ato de confiança, afirmação e caridade, e a transforma em pensamento comunicável. Sem deixar de ser expressão do viver, lhe dá, assim, uma forma conceptual própria de outras ciências especulativas. Ao contrário do que à primeira vista pareceria, não se pode, no entanto, falar em Teologia não-engajada. O que se pode dizer é que se trata de um modo distinto de comprometer a fé, pois o mundo com o qual se vincula é o mundo do conceito e do pensamento.

Num primeiro bloco de artigos, portanto, lembrando os 20 anos da morte de Von Balthasar, Carlos Casale, da Pontifícia Universidade Católica de Santiago, recupera o tema do universalismo cristão nesse Teólogo suíço, com seu conterrâneo, Karl Barth. Mostra-se aí a importância de um conceito de cristianismo, capaz de dar conta do todo da realidade a partir do particular, o universal concreto, Jesus de Nazaré. Segue-se um breve trabalho de Jukka Raunu, de Helsinque, refletindo o tema da ortopraxis na Teologia da Libertação, no exemplo de J. B. Libanio, sintetizável na fórmula da “mediaticidade imediata”. Trata-se de uma Teologia claramente comprometida com a transformação da realidade, sem abandonar o esforço do conceito. Urbano Zilles, por sua vez, resenha a história da relação, nem sempre pacífica, entre o magistério dos bispos e dos teólogos (doutores). Devem entender-se realmente como concorrência e paralelismo?

Um outro bloco de artigos se ocupa de temas diversos. Como exercício de uma Teologia comprometida com a realidade Leomar A. Brustolin e Renato F. Machado discutem o papel da fé ante a crise ecológica. A segunda parte de um estudo sobre a esponsalidade de Cristo com a Igreja, apresentado por Edson Pereira e sob a orientação de Manoel A. Santos, conclui o percurso desse tema em alguns autores atuais. A liberdade humana, como união à transcendência, em Plotino, é o tema com o qual se ocupa Reinhold A. Ullmann.

Como contribuição especial à leitura de Santo Agostinho, em português, publica-se aqui uma tradução inédita do *De patientia*, a cargo de Cleber E. dos Santos Dias.

Uma crônica e duas resenhas completam o presente número.

Agradecendo aos colaboradores, à revisão, à secretaria da Faculdade e à Editora, desejamos bom proveito na leitura.

Érico J. Hammes
pelo Conselho Editorial